

Meu Gato

*Ele era feio,
mas tinha muita
personalidade*

Simon

Por ROXANNE WILLEMS SNOPEK

FOI PARA isso que estudei?, perguntei-me certa manhã ao percorrer as alas do hospital veterinário, limpando as caixas de areia e enchendo tigelas com comida e água. *Sou técnica em veterinária; deveria estar executando procedimentos médicos, dando anestesia, fazendo análises clínicas.* “Em vez disso”, resmunguei, “fico aqui, limpando canis.”



‘Rapaz’, murmurei para o bichinho encostado nas grades, ‘a situação não está nada boa para você.’

Finalmente, cheguei ao local onde os cães menores ficavam. No fundo de uma gaiola, agachado, havia um gatinho minúsculo, o pêlo alaranjado sujo de comida. Ao me ver, abriu a boca sem emitir um único som e cambaleou em direção às grades.

Devia ter umas 4 semanas de idade, pequeno demais para ser vacinado. Isso explicava por que estava na ala dos cães, e não com os outros gatos: para protegê-lo dos organismos transmitidos pela própria espécie. O gatinho deu um espirro violento e caiu com o esforço. Tinha uma infecção respiratória grave. Olhei o cartão afixado à gaiola: animal abandonado.

“Rapaz”, murmurei para o bichinho encostado nas grades, “a situação não está nada boa para você.”

O gatinho aos poucos se recuperou, embora tenha mantido a aparência de desmazelo. A pelagem era rala, e o rosto, um borrão ruivo sobre o pêlo branco. Os desenhos nos flancos magros avançavam pelo rabo torto e fino. E cheirava mal.

Todas as manhãs, porém, quando eu vinha limpá-lo, alimentá-lo e medicá-lo, ele me recebia com incondutíveis votos de boas-vindas. Um ronronar trêmulo e desproporcionalmente alto escapava de sua pequena garganta, enquanto tropeça-

va em si mesmo na ânsia de roçar o corpo contra minha mão. Era o gato mais feio que eu já vira, mas tinha personalidade.

Embora sua saúde houvesse melhorado, ele não tinha para onde ir. Um dia, ouvi os veterinários falar em eutanásia. “Eu fico com ele”, deixei escapar, sem pensar no que dizia. Naquela noite, atravessei o *campus* com o gatinho dentro da mochila. Uma vez acomodada em meu assento no ônibus, dei uma olhada e o encontrei satisfeito da vida, totalmente alheio aos empurrões e solavancos. Ele ergueu os olhos para mim calmamente, como se dissesse: “Sei que estou em boas mãos.” Naquela noite dormiu todo encolhido, encostado em mim, seu ronronar reverberando em meu pequeno apartamento.

Modos selvagens

INTERESSADO ao extremo por comida, *Simon* adorava investigar minhas refeições. Um dia enfiou o focinho no meu prato de canja quente. Espirrando muito e lambendo os lábios escaldados com expressão surpresa, ele recuou, olhando para mim de cara feia, como se eu devesse tê-lo avisado.

Em pouco tempo aprendeu mi-

nha rotina, reclamando ruidosamente quando eu pegava o casaco e as chaves para sair. Correndo da porta para a janela, olhava enquanto eu me afastava, gemendo com insistência. Quando eu chegava, à noite, era recebida pelo seu miado estridente. Aquele corpinho quente serpentando entre minhas pernas foi uma mudança muito bem-vinda no apartamento silencioso ao qual eu me acostumara, e logo me peguei gostando muito de meu novo e exigente companheiro.

Outras mudanças ocorreram em minha vida naquele inverno. Fui transferida para a cirurgia e passei a gostar do meu trabalho. Um jovem aluno de veterinária chamou a minha atenção: Ray, com seu riso fácil e toque suave, cativou-me, e o pobre *Simon* foi relegado a segundo plano.

Foi o início de um longo relacionamento de amor e ódio. *Simon* adorava armar emboscadas para Ray, escondido nos cantos e por trás das portas. Usando as quatro patas, ele atacava os tornozelos do coitado do Ray e depois se escondia debaixo do sofá, armando o próximo bote. Ray tolerava esses abusos por minha causa, mas achava que eu tinha um gato louco.

Logo depois, Ray e eu nos mudamos para Ontário, no Canadá. Meus pais ficaram com *Simon* até mandarmos buscá-lo. Infelizmente, assim que chegamos, tive de ser internada, pois precisava retirar as amígdalas com urgência. Com saudades de casa e sentindo muita dor, estava deitada no sofá quando Ray chegou do aéro-

porto com meu gato. *Simon* me olhou, saltou sobre meu colo e adormeceu. Ali ficou durante toda a minha recuperação, atipicamente calmo e compenetrado, parecendo saber que eu precisava dele. Mas, tão logo me recuperei e voltei ao trabalho, *Simon* retomou seus hábitos selvagens.

Minha vida sofreu novas mudanças quando me casei com Ray e quando nasceu nossa filha Stephanie. Fiquei preocupada, imaginando como *Simon* se comportaria com o bebê. Mas ele ficou tão satisfeito em me ver em casa durante o dia que valia a pena me repartir com aquele ser humano pequeno e barulhento. Embora eu sentisse falta dos animais e dos colegas de trabalho, adorei ficar em casa com minha filha e com *Simon*.

Em busca da liberdade

O TEMPO passou. Mudamo-nos e tivemos outra filha, Andrea. *Simon* reinava sobre uma multidão de animais de estimação que foram chegando a casa: de calopsitas e filhotes de corvos a um galgo de corrida aposentado. Nosso gato continuava a enfiar aquele rabo torto onde não era chamado, a assustar as visitas e a lamber qualquer queixo disponível. De alguma forma, passou a fazer parte da própria estrutura da família. Eu não conseguia imaginar a vida sem ele.

Então, um dia, ele sumiu.

– Você viu *Simon*? – perguntei à minha vizinha.

Batemos numa lata de comida, chamamos seu nome, perguntamos a todos. **Ninguém o vira.**

– Que estranho! – respondeu ela, franzindo a testa. – Vi um gato igualzinho a ele quando ia para o trabalho ontem.

Simon fugira. Após uma briga com o gato da vizinha, ela o vira se esconder em sua garagem. Horas depois, a caminho do trabalho, num cruzamento movimentado, ouviu um baque como se algo caísse do carro e, ao olhar pelo retrovisor, viu um gato feioso correndo entre os carros.

Fiquei aterrorizada. *Simon*, meu gato que nunca saía de dentro de casa e que nem garras tinha! Seu conhecimento do mundo se limitava à paisagem que via pela janela. Agora, estava perdido, provavelmente com frio, machucado, quem sabe até mesmo morto.

Eu estava no início da gravidez de Megan no dia em que saímos à procura dele. Batemos numa lata de sua comida predileta, chamamos seu nome, perguntamos a todas as pessoas por que passávamos.

Ninguém o vira. Subíamos uma rua, descíamos outra, o tempo todo controlando o medo de duas meninas que amavam aquele gato feio que estivera ao lado delas desde o começo de suas vidas.

Até que uma mulher nos disse que, sim, vira um gato alaranjado

feioso com um rabo magro e torto se esconder atrás das latas de lixo. Movi algumas lixeiras e lá estava ele! Recebeu-me com um grito queixoso de quem diz: “Por que demorou tanto?” Subiu no meu ombro, enfiou a cabeça sob meu queixo e fechou os olhos. Se aquilo era a liberdade, ele preferia estar em casa.

Stephanie, 5 anos, e Andrea, 3, estavam eufóricas de alívio. No entanto, depois de percorrer seis quadras, correr no meio do trânsito e passar uma noite inteira ao relento, numa vizinhança desconhecida, o milagre maior era o fato de *Simon* não ter um único arranhão.

Daquele dia em diante, ele nunca mais teve o menor desejo de se aproximar de uma estrada.

Mau sinal

SIMON estava ficando velho. Não corria mais para fora de casa, não saltava mais sobre meus ombros e havia certa rigidez em seus quadris quando andava.

Então, um dia, ele não apareceu na hora do café da manhã. Os alarmes dispararam: *Simon* jamais perdia uma refeição! Ray o levou para fazer alguns exames e as radiogra-

fias revelaram que havia fluido em seu pulmão direito. Meu marido tentou me acalmar, mas eu sabia que aquilo era um mau sinal. Drenamos parte do fluido e enviamos o líquido ao laboratório. O resultado foi inconfundível: carcinoma.

Uma ultra-sonografia revelou que *Simon* tinha doença cardíaca, fluido nos pulmões, rins e fígado aumentados, e anormalidades nos intestinos e na bexiga. O radiologista disse que o câncer havia se espalhado para os pulmões e que seu sistema cardiovascular não agüentaria uma cirurgia para encontrar o tumor primário. Nada podia ser feito.

Hora do adeus

E RA OUTUBRO quando dei a notícia às minhas filhas. "Acho que ele não vai resistir até o Natal", consegui balbuciar, apesar do nó na garganta.

Na manhã de meu 33º aniversário, em novembro, *Simon* subiu no peito de meu marido assim que acordamos, lambeu seu queixo e ronronou como se tudo estivesse bem. Ficamos ali deitados, saboreando sua amizade. Foi a última vez que ronronou.

Dois dias depois, ao amanhecer, a neve caía. Levantei *Simon* para lhe mostrar a rua e, quando o coloquei de volta no chão, ele só pôde dar dois passos antes de ter de parar para descansar. Peguei-o no colo outra vez e o levei até o quarto, engolindo os soluços. Chegara a hora.

Naquela noite, depois de colocar as meninas na cama, levei *Simon* para baixo. Lá, sobre a mesa da cozinha, Ray secou as lágrimas e inseriu uma agulha na veia frágil daquele gato feioso que ele aprendera a amar. Acariciei-lhe o pêlo ruivo e beijei a cabecinha ossuda enquanto *Simon* deixava este mundo, completamente em paz.

UM DIA, pouco tempo depois, conversávamos sobre *Simon*, e Andrea não parava de chorar. Acabei sugerindo que fôssemos visitar os gatos no depósito público de animais.

Quando o encontramos, *Mylos* tinha 4 meses, pêlo ruivo com listras alaranjadas e um corte feio na orelha. Nós o trouxemos para casa e ele logo invadiu nossos corações. Às vezes o vejo sentado à janela, igualzinho a *Simon*, e a semelhança me deixa sem fôlego. Ele não é um substituto de *Simon*; é um lembrete de que a vida, assim como o amor, continua.

BANHO MÁGICO



Um de meus irmãos, que é baixinho, estava no chuveiro, quando outro irmão, mais alto, perguntou:

– Ricky, está tomando banho?

– Não – respondeu o primeiro, sarcástico. – Estou

me regando para ver se cresço.

–YASMIN BORJAS, Venezuela